

Espaço e Ciberespaço: A Construção da Subjetividade na Era Digital

Alexandre Ribeiro da Silva¹; Francisco Wellery Gomes Bezerra²

Resumo: Nos últimos quarenta anos com o advento da Terceira Revolução Industrial o sistema capitalista em sua face neoliberal reprodutora de uma aldeia global refaz os significados de cultura, espaço e juventude em que os tentáculos da globalização: sistemas, redes e informações criam dimensões interativas, instantâneas e expressa de relações e valores sociais. A escola pertencente ao conceito de lugar recebe influências de tais mudanças tornando uma estrutura influenciada ou intrinsecamente ligada ao ciberespaço compreendido como local que recebe interferências de redes de computadores, celulares, tablets, enfim, todos os dispositivos que motivam e contribuem nas mudanças de perfil dos jovens nos dias de hoje. O professor pertencendo a esse espaço de interatividade terá que compreender os novos ressignificados dos conceitos de espaço, lugar, paisagem, juventude, cibercultura e ciberespaço para que possa contribuir diretamente no processo de aprendizagem dos alunos tendo como aliado as subjetividades trazidas pela tecnologia, neste sentido, este artigo tem como objetivo fazer reflexões dos conceitos anteriormente citados e abrir um espaço de discussão sobre essas influências ao processo de aprendizagem.

Palavras – Chave: Espaço. Subjetividade. Educação. Tecnologias.

Space and Cyber Space: The Construction of Subjectivity in the Digital Era

Abstract: In the last forty years with the advent of the Third Industrial Revolution, the capitalist system in its neoliberal reproductive face of a global village remakes the meanings of culture, space and youth in which the tentacles of globalization: systems, networks and information create interactive, instantaneous and expression of social relations and values. The school belonging to the concept of place receives influences from such changes making a structure influenced or intrinsically linked to cyberspace understood as a place that receives interference from computer networks, cell phones, tablets, in short, all the devices that motivate and contribute to the profile changes of young people these days. The teacher belonging to this interactivity space will have to understand the new meanings of the concepts of space, place, landscape, youth, cyberculture and cyberspace so that he can contribute directly to the students' learning process having as an ally the subjectivities brought by technology, in this sense, this article aims to reflect on the concepts previously mentioned and open a space for discussing these influences in the learning process.

Keywords: Space. Subjectivity. Education. Technologies.

¹ Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Ceará – Mestre em Educação Universidade Regional do Cariri-URCA. alexandre.geografiaribeiro@gmail.com

² Professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Mestre em Educação. Universidade Regional do Cariri – URCA. wellerygomes@gmail.com

Introdução

As demandas sociais dos jovens, como escola, família, amigos, grupos de pertencimento etc. são ações voltadas diretamente para a sua construção enquanto indivíduo. Logo, pensar num jeito jovem de ser é algo muito delicado visto que a construção social é elemento definidor de muitas das características das morais e éticas do indivíduo; assim “podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 1111).

O jovem enquanto categorial social, tem na escola a oportunidade para desenvolver o que se define como protagonismo juvenil³ que enquanto modalidade de ação educativa, cria os espaços, e oferece as condições capazes de possibilitar aos jovens não só envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, mas, também, atuar como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso no tocante as ações transformadoras que esta sociedade precisa. Dessa forma

O protagonismo juvenil deve ser para o jovem uma leitura de ação do reflexo de sua ansiedade em conquistar objetivos, porém de realizações concretas, ações que o façam concluir temas, conceitos e, o mais importante, que o leve a estabelecer uma relação de segurança com seu próprio crescimento (SILVA et al., 2013, p. 15).

Neste sentido, o presente artigo dá ênfase nos conceitos de espaço, lugar, paisagem, juventude, cibercultura e ciberespaço⁴. O qual de acordo com Lemos (2010) a Cibercultura é um produto social e cultural que por meio da virtualização das relações sociais pelas tecnologias de informação e comunicação, fomentando “uma atitude social de apropriação criativa (vitalista, hedonista, presenteísta) das novas tecnologias” (LEMOS, 2010, p. 259) dá maior amplitude a construção do indivíduo no que se refere ao seu pertencimento social e os lugares sociais que ocupa, ampliando sua capacidade de transformar os espaços e paisagens com maior amplitude, pois no ciberespaço os jovens têm a capacidade de protagonizar suas

³ Principal ator. Pessoa que ocupa o primeiro lugar em qualquer acontecimento. Promotor. Interveniente em episódios da vida cotidiana. Etimologia (origem da palavra protagonista). Do latim protagonístēs. (AURÉLIO, 2018)

⁴ O termo Cibercultura foi proposto na década de 1990 pelo filósofo francês Pierre Levy e expressa o conjunto de práticas culturais gerados pelas TIC. Levy (1999, p.92) o define a cibercultura como: “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

ações sociais de forma autônoma e com maior liberdade de se comparar com as regras institucionais em que este é moralizado e socializado como família, escola, religião, etc.

Tais conceitos se apresentam nos aspectos contemporâneos como algo inspirado sobre as bases dos fenômenos provenientes da Terceira Revolução Industrial, em que os feitos da tecnologia e da virtualidade é supervalorizado e permeia as intencionalidades contidas em todos os aspectos das relações humanas e dos lugares, que influenciam de forma direta a projeção da sociedade no espaço.

E por considerar estes conceitos como sendo básicos ao entendimento do espaço geográfico enquanto locus das relações sociedade/natureza e cultura/subjetividade, como também espaço e produção da ciência, tem-se neles a base conceitual para uma análise inicial sobre como o uso de novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se facilitadores do processo de ensino aprendizagem de disciplinas geográficas, sociais e no espaço escolar.

Espaço, Subjetividade e Virtualização da Educação

O espaço ao qual nos referimos é o espaço geográfico, formado a partir do processo de produção e reprodução da sociedade, determinados por seus movimentos e refletidos nas mais diversas paisagens. Segundo Santos (1994, p. 61):

Todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção. Mas tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Os aspectos do espaço, concebidos através da percepção e do conhecimento dependem da visão que deles se tem. A percepção do espaço construído chega então aos nossos sentidos através dos estímulos e do conhecimento adquirido. É, portanto, a partir da percepção que se constrói do espaço que se forma a ideia de paisagem. No entanto a Internet, de acordo com Lemos (2010 p.116), “[...] age como potencial descentralizadora do poder técnico industrial-midiático abrindo 'uma rede verdadeiramente aberta e acessível' [...]”. Espaço favorável para a criatividade de uma juventude ávida por conhecimento e novas experiências, que, nesse ambiente, encontram lugar para expandir sua rede de saberes, interesses e afetividade.

Segundo Ribeiro (2016, p. 1)

O que chamamos de Aparelho Humano Habitado, é a próxima natureza do homem, o ciborgue, o híbrido, a cibernética a biotecnologia e a nanotecnologia, os processos da informação a serviço da reconfiguração e o remapeamento do homem e seu corpo em um novo espaço em construção (RIBEIRO, 2016, p. 1).

Esta realidade vem dando novos significados a forma de construir socialmente os espaços, que refletem uma reprogramação das paisagens, onde vários autores, referem-se a esta última categoria como um conjunto de formas naturais e sociais, no entanto nos últimos dez anos, vem sendo ressignificada em costumes, hábitos e ritmos.

Os jovens têm uma pluralidade de vivências cotidianas que os levam a construir as suas identidades, pois a formação de uma identidade social envolve elementos como música, roupas, linguagem, arte, e tudo que envolve autoafirmação e estilo de ser, pensar, agir e existir; o que nos leva a refletir sobre os fenômenos da paisagem enquanto um elemento de formação social do jovem na escola.

Essa diversidade coloca o jovem em evidências às lógicas capitalistas de consumo e formação social do lugar em que vivem; e é nesse momento que a escola e a educação têm papel preponderantes na formação social do jovem, visto que essa formação não se dá somente no âmbito escolar, mas em todo o alcance que a construção social feita pela escola consegue alcançar na construção da identidade do jovem estudante.

Contudo, deve-se tomar cuidado para não se confundir espaço com paisagem, como nos alerta Santos (1994, p. 72):

A paisagem é diferente de espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem [...].

Na análise do conceito de paisagem Cavalcanti (1998, p. 98) explica que é importante “[...] considerar esse conceito como primeira aproximação do lugar, chave inicial para apreender as diversas determinações desse lugar [...]”.

É sabido, ainda, que as influências as quais os jovens são submetidos cotidianamente na família, na comunidade em que mora, no bairro que passa todos os dias, os grupos sociais que se envolve, e, ainda, as redes sociais da internet que surgem como mais um elemento de formação de identidade são todos elementos que colocam o jovem a ter que escolher entre ser um cidadão consciente de sua realidade sócio – política ou mais um objeto do mercado. Isto é,

um jovem que tem sua formação intelectual voltada não para um senso crítico e reflexivo desenvolvido, mas um trabalhador técnico fruto de um ensino técnico.

“A Cibercultura provoca mudanças também na maneira como aprendemos. Os estudantes de hoje têm muito mais acesso às informações e formas de se comunicar do que há uma década (CASTRO FILHO et al., 2016, p. 5). Via de acesso contínuo e certo pelos jovens as tecnologias de informação e comunicação penetram nos muros da escola criando um universo paralelo ao que se processa no mundo físico da sala de aula.

Contudo o professor que se mostra resistente a essa tendência acaba por entrar num embate feroz com os aparelhos eletrônicos dos alunos em sala de aula. Os espaços físicos da escola, as salas de aula, e as relações interpessoais entre alunos, professores, gestores e funcionário já não são mais a única relação social que os jovens têm no período em que estão em sala de aula.

Neste sentido, Lévy coloca em xeque a organização do sistema educacional e o papel do professor. Ambos devem levar em conta o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura. O professor deveria deixar o papel historicamente construído de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva (JOAQUIM, 2018, p. 1).

Nessa seara, a escola e os professores deverão pensar sobre como usar esse acesso em benefício da aprendizagem de seus alunos. No ensino, a compreensão do conceito de lugar coloca-se como referência para a aprendizagem. Que na concepção de Cunha (2008, p. 184):

É a dimensão humana que transforma o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. [...]. Os lugares extrapolam uma base física e espacial para assumir uma condição cultural, humana, subjetiva e política. Entram em jogo as representações que os sujeitos fazem dos lugares e o sentido que atribuem aos mesmos.

Nessa perspectiva, o lugar como explica Carlos (1996) é o espaço sentido, pensado, apropriado e vivido. Todavia, tratar jovens em idade de esclarecimento e formação social e cidadã como se estes não fossem parte fundamental da construção da realidade social e do espaço em construção por suas ações, visto que movimentos sociais, hoje em dia, são organizados, também, pelas redes sociais da internet e que têm nos jovens boa parte de seus membros participante, é negar o potencial sócio – intelectual de uma construção de uma sociedade democrática e participativa via internet. “O mundo da cultura aparece como um

espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (DAYRELL, 2007, p. 1110). As dimensões sociais por intermédio das mídias digitais, ganharam alcances que a juventude das décadas de 60, 70 e 80 do século XX vivenciavam de forma muito alheia e alienada pela televisão e pelo rádio, ou os que buscavam ter mais conhecimento e opinar com mais ênfase suas posições políticas eram tratados como subversivos de um regime militar que naquele período era quem comandava todas as relações sociais, políticas e civis.

As mídias digitais tornam a presença do jovem muito mais democrática. Com o advento e universalização das redes sociais da internet, esse espaço virtual passou a ser um espaço de sociabilidade e reformulação das relações sociais. Onde o jovem encontra espaços mais férteis, do que na escola, para atuar de forma protagonista das suas próprias escolhas.

No entanto esse espaço virtual é um espaço onde o potencial construtivo é igualmente proporcional ao potencial alienante, isto é, sem a devida cautela e orientação, essas mídias tornam-se meros espaços de futilidade, julgamento sem critério, tratando-se somente do que Lippman (2008) define como massificação de opinião pública. Sendo assim, se faz necessário que a educação possa pensar nesses espaços virtuais como espaços reais de escolarização, educar valores com o uso de novas tecnologias de informação e comunicação, trazendo para o cotidiano do estudante as demandas de sua intelectualidade numa linguagem que este ou esta tenha acesso e, mais importante, interesse em construir os seus valores de forma consciente e não alienada utilizando os recursos didáticos que lhes sejam significativos e represente sua realidade e atenda sua subjetividade.

Ressaltamos que o lugar estando cada vez mais globalizado é permeado por redes articuladas que irão interferir cada vez mais na sua constituição histórica. Ou, como explica Santos (2000, p. 112): “Os lugares, são, pois, o mundo que eles produzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares”.

Ao prosseguir na análise de lugar, Cavalcanti (2002) delimita três perspectivas teórico-metodológica para a ideia de lugar no ensino, são elas: a) Humanística, que encara o lugar enquanto espaço vivido, experienciado pelo indivíduo que o tem como familiar; b) Histórico-dialética, que aborda o lugar frente ao processo de globalização como forma antagônica e como processo de fragmentação e, c) Pós-moderna, baseada na valorização do empírico-individual.

Neste contexto, ressaltamos o significado do lugar enquanto referência primária ao desenvolvimento da noção de espaço e de espacialidade do indivíduo, tornando-se sua base de referência, de comparação e de entendimento. As demandas sociais dos jovens é uma ação voltada diretamente para a sua construção enquanto ser social. Logo, pensar num jeito jovem de ser é algo muito delicado visto que a construção social é elemento definidor de muitas das características do ser social “podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 1111). E o lugar deixa de ser uma dimensão meramente espacial e física e ganha o status subjetivo das identidades juvenis na escola.

Na construção de uma noção de espaço, baseada nas relações entre grupos e indivíduos, destaca-se a noção de escala enquanto conceito e enquanto instrumento para a compreensão da Geografia como ciência e desta enquanto disciplina escolar. E da sociologia como mecanismo intelectual de compreensão desse espaço geográfico em desenvolvimento num plano da construção subjetiva da cultural dos grupos. E esse fenômeno é facilmente percebido no espaço virtual das relações sociais que transcendem geograficamente as fronteiras territoriais e culturais.

Segundo Castrogiovanni (1998), a escala se apresenta, dentro de sua base conceitual, em três partes principais: a) enquanto raciocínio analógico entre as escalas cartográfica e geográfica; b) enquanto necessidade de coerência entre o percebido e o concebido e, c) enquanto estratégia de apreensão da realidade. Não se apresentando somente como uma percepção espacial, mas também uma representação das construções sociais do indivíduo e sua relação com o espaço.

Em síntese, podemos partir da suposição de que a escala possui quatro campos fundadores: o referente, a percepção, a concepção e a representação. Estes campos definem, pois, uma figuração do espaço que não é somente uma caracterização de um espaço em relação a um referencial, mas uma figuração de um espaço mais amplo do que aquele que pode ser apreendido em sua globalidade, ou seja, é a imagem que substitui o território que ela representa. Neste sentido, a escala é a escolha de uma forma de dividir o espaço, definindo uma realidade percebida/concebida, é uma forma de dar-lhe uma figuração, uma representação, um ponto de vista que modifica a percepção mesma da natureza deste espaço e, finalmente, um conjunto de representações coerentes e lógicas que substituem o espaço observado. As escalas, portanto, definem modelos espaciais de totalidades sucessivas e classificadoras e não uma progressão linear de medidas de aproximação sucessivas (CASTROGIOVANNI, 1998, P. 135).

É tão somente a partir da definição da escala de análise vinculada a outros conceitos de estudos que o aluno inicia seu processo de percepção do conteúdo a ser sentido e compreendido. Na Cibercultura, o uso das redes sociais passam a ser o meio “onde as trocas informacionais redefinem a comunicação entre as pessoas” (CASTRO FILHO et al., 2016, p. 3), como também perde-se a noção de escala, pois as redes, os sistemas e informações acabam diminuindo a projeção que temos de distância, produzindo uma pseudo aproximação contrariando a sensação de estar próximos, como também, a criação de perfis que dão maior amplitude a ação social do usuário da internet, onde na rede social os jovens sentem-se mais livres para expressarem suas opiniões e seus entendimentos sobre temas que, no ambiente físico, são considerados assunto de adulto, como economia, política, arte, etc.

Nesse contexto, segundo Chauí (1995), o fenômeno da percepção vai distinguir-se da sensação, o que é muito bem analisado pelas correntes empirista e intelectualista. Sem adentrar ainda nessa discussão de base filosófica, ressaltamos que a percepção é dada através dos sentidos por meio do conhecimento sensorial. Está vinculada a relação do sujeito com o mundo exterior. A percepção envolve a personalidade do indivíduo, sua história, seus desejos e suas paixões, envolve sua vida social, seus valores e suas relações. A percepção nos orienta na ação cotidiana desde as ações mais simples as mais subjetivas e complexas. Entretanto, a ocorrência de erros no processo perceptivo produz, impreterivelmente, o fenômeno da ilusão.

Considerações Finais

Esse texto por se tratar de uma análise inicial sobre como o uso de novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se facilitadores do processo de ensino aprendizagem de disciplinas escolares e como estas têm um alto poder de construção de espaços sociais, vêm transformando não só a sociedade de forma objetiva, mas também, de forma subjetiva. Onde o intuito dessa análise é lançar mão de uma reflexão inicial sobre como os espaços tanto geográficos quanto virtuais são resinificados pela subjetividade dos agentes.

Com um foco mais centrado na construção social e de identidade de jovens, pode-se levantar reflexões sobre a necessidade que existe de as instituições escolares e os professores, através de novas metodologias atender as demandas da construção do jovem que na escola forma sua identidade, mas que também, tem nas mídias digitais um espaço de maior alcance social do que a escola consegue dar conta. Sendo assim, chega-se aqui a iniciais constatações

que é no espaço escolar que se pode iniciar a construção de novas formas de se construir valores, hábitos, e senso crítico agregando o fenômeno das tecnologias digitais como um aliado ao processo formador, e não um obstáculo, bloqueio ou contratempo.

Em linhas gerais buscou-se nesse apanhado de ideias e conceitos desenhar um paralelo entre a construção dos espaços geográficos e a construção do ciberespaço compreendendo a cultura e a intersubjetividade alcançada pelas mídias digitais e como estas nos fazem refletir sobre a construção da identidade social.

A reconstrução da percepção geográfica, sob a óptica digital das relações, acontece virtualmente ao passo que o aldeamento global se expande numa cultura de relações sociais sem fronteiras geográficas, onde redes sociais da internet aparecem como um espaço de estreitamento das subjetividades e crescente virtualização da educação.

Referências

CALLAI, Helena Copetti (org.). **O ensino de estudos sociais**. São Paulo: Unijui, 1991.

CARLOS, Ana Fanni A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.) et al. **Geografia em sala de aula**. Porto Alegre: AGB, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: alternativa, 2002.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos espaços analíticos da formação dos docentes universitários. **Revista Educação UNISINOS**: v. 12, n. 3, setembro – dezembro, 2008.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

JOAQUIM, Bruno dos Santos. **Cibercultura**: introdução e conceito – chave. Blog café com Sociologia.com / Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/pierre-levy-conceitos-chave-cibercultura/> Acesso: 03/05/2018.

LE MOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPMAN, Walter. **Opinião Pública**. / Walter Lippman. Tradução e Prefácio de Jacques A. Weinberg. – Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. – Coleção Clássicos da Comunicação Social.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.) **Para onde vai o ensino de geografia**. São Paulo: Contexto, 1989.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Márcia Cristina Araújo Lustosa; CRUZ, Valmira Maria de Amariz Coelho; SILVA, Frederico Fonseca da. **A aprendizagem significativa uma interface com protagonismo juvenil**: numa perspectiva socioafetiva. Rev. psicopedag. vol.30 no.91 São Paulo.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Alexandre Ribeiro da; BEZERRA, Francisco Wellery Gomes. Espaço e Ciberespaço: A Construção da Subjetividade na Era Digital. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Outubro/2020, vol.14, n.52, p. 475-484. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/09/2020;

Aceito: 01/10/2020.